

Tensões interestatais: o declínio da “cooperação antagônica”

Victor Meyer¹

O filósofo alemão August Thalheimer escreveu, em 1946, um ensaio sobre as relações entre os Estados capitalistas centrais depois da Segunda Guerra. Thalheimer punha em relevo um novo fator que estaria subordinando, desde então, os conflitos interestatais: a consolidação do bloco socialista, em especial o fortalecimento militar da União Soviética. O novo elemento introduzia na cena mundial uma polaridade fundamental, a cisão do mundo entre dois blocos envolvidos em dinâmicas socio-econômicas expansivas e opostas. Em tais circunstâncias, as tradicionais contradições entre potências capitalistas, conquanto preservadas, passavam a conter-se nos limites de uma cooperação entre elas. A ambiguidade subjacente a essa situação levou Thalheimer a elaborar o conceito de cooperação antagônica: cooperação entre os países capitalistas, apesar dos antagonismos existentes entre eles. O conceito é bastante elucidativo quanto aos rumos da diplomacia mundial no pós-guerra.

José Luís Fiori, em trabalho recente, parece sustentar um ponto de vista semelhante ao afirmar que a competição ideológica e militar entre Estados Unidos e União Soviética explica o caráter *complacente* da hegemonia americana sobre o mundo capitalista depois da Segunda Guerra. As exigências da Guerra Fria levaram os Estados Unidos a exercerem efetivamente o papel de centro hegemônico, no sentido *gramsciano* do termo, gerando-se momentos bastante significativos em que os seus interesses nacionais específicos deixaram-se subordinar às necessidades do conjunto do sistema, exatamente por causa da principalidade assumida pela conflagração entre blocos.

Nessa perspectiva deve-se situar os sucessivos programas de estímulo ao crescimento econômico em pontos críticos do sistema mundial. *O Plano Marshall, o Ponto IV* de Trumann, a *Aliança para o Progresso*, são alguns exemplos de uma estratégia que, vale frisar, tornava-se possível porque coincidia, historicamente, com o caráter expansivo de um capital financeiro em aberto processo de internacionalização. Em nenhum outro momento o *centro imperialista* fomentou tanto o planejamento de longo prazo. O planejamento do desenvolvimento econômico tornava-se um *problema de segurança nacional*.

Esse o pano de fundo político para o estímulo às estratégias desenvolvimentistas - que, de resto, coadunavam-se com as necessidades expansivas do grande capital. Obviamente que essas políticas não poderiam ir à prática de forma harmônica e automática, dada a complexidade e a desigualdade sociais dos países envolvidos. Lembre-se, como exemplo, que os primeiros governos brasileiros no pós-guerra elaboraram projetos de industrialização acelerada, no que tomaram parte destacada os técnicos e as missões dos Estados Unidos, mas que se mantiveram apenas no papel durante uma década, até que afinal se desse, a partir de meados dos anos 50, o ingresso sistemático do capital que financiaria a industrialização.

A subordinação dos antagonismos intercapitalistas a uma cooperação interestatal forçada explica, em parte, a criação das condições favoráveis para a consolidação plena do *Welfare Stat* na Europa e para a sua reprodução aproximada em outras partes do mundo capitalista, ainda que em um ou outro caso não passasse de mero simulacro. O bloco, a partir do seu centro hierárquico, não poderia permitir que se criassem pontos de vulnerabilidade em

¹ Economista, Doutor em Administração Pública pela Universidade de Paris VIII. Foi Professor do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia da UEFES (Feira de Santana/BA) e Professor de Economia da UCSal (Salvador/BA). Falecido em 16 de abril de 2001, aos 52 anos. Mais informações em <http://www.centrovictormeyer.org.br> > Acervos > Arquivo Victor Meyer.

algum elo da cadeia sistêmica. Para tanto, a cooperação entre Estados traduzia uma preocupação com a estabilidade interna, ao menos nos pontos considerados decisivos do sistema mundial.

O início dos anos 80 traz um importante marco de mudança nesse cenário. A economia soviética deixa evidente os sinais de haver entrado em rota declinante. O governo Reagan, ao tempo em que se torna desafiador na Guerra Fria, demonstrando a intensão de quebrar o equilíbrio militar existente em suas relações com a URSS, decide abandonar a tradição anti-rentista fundada por Roosevelt e depois respaldada *no keynesianismo*. Reagan firmou uma aliança preferencial entre o Estado e o capital rentista.

Inicia-se, aí, uma manobra de recuperação da economia americana que abala o sistema de compromissos - *a cooperação*, na terminologia de Thalheimer - com os diversos parceiros do bloco. Em nome dos seus interesses específicos, o centro hegemônico lança grande parte dos "novos países industrializados" na *crise da dívida*. Assim, ao condenar unilateralmente os países subalternos do bloco à sua própria sorte, o centro organizador do sistema imperialista emitia o primeiro sinal significativo de mudança nos termos em que se desenvolviam as relações interestatais desde a Segunda Guerra.

Paralelamente, esvaziaram-se os estímulos ao planejamento do desenvolvimento. Autores como o francês Michalet e outros já observavam, no início dos anos 80, as relações entre a internacionalização financeira e a superação das anteriores estratégias desenvolvimentistas, substituídas por meras políticas industriais setorializadas.

O colapso da União Soviética concluiu a quebra das práticas correspondentes à *cooperação antagônica* e modificou radicalmente as relações entre Estados no interior do sistema. Finda a polarização entre os dois grandes blocos, esvaziaram-se as condições que até então impunham, com ênfase, a *cooperação* entre os Estados, conforme a vira Thalheimer. Esvaziaram-se as premissas da *hegemonia complacente* dos Estados Unidos, aludida por Fiori. A supremacia econômica e militar dos Estados Unidos deixa de se expressar segundo aquela ótica de organizador do bloco, naquela perspectiva de direção hegemônica (*a la Gramsci*).

No novo cenário, os EUA passam a basear-se primordialmente nos seus interesses econômicos particulares. Ocorre que tais interesses particulares compõem, como afirma Fiori, um espaço econômico distinto de outros espaços econômicos igualmente capitalistas. O *antagonismo* entre modernos espaços econômicos prevalece sobre a *cooperação* - antes induzida pelas ameaças latentes oriundas da existência daquela potência militar que Reagan algum dia havia intitulado de *o império do mal*.

Ganha especial significado, nesse panorama, a observação feita pelo historiador Perry Anderson quanto ao recrudescimento do neoliberalismo logo após o desmoronamento do bloco socialista. No novo contexto, a concorrência entre cartéis acentua-se progressivamente; multiplicam-se os blocos regionais defensivos, que se atritam reciprocamente; o planejamento estatal antes associado ao dogma do desenvolvimentismo, é substituído por uma indiferença imperial dos países mais fortes à livre flutuação dos mais fracos ao sabor do mercado. E, num contexto de financeirização crescente, repetem-se ataques especulativos contra uma ou outra moeda nacional. A inteligibilidade desses eventos vincula-se à constatação de que os conflitos nascidos no interior do sistema capitalista tornam-se tendencialmente mais acirrados.

(Gazeta Mercantil, 27 de março de 1998).